

# “O moderno esquecido” – A Casa do Ameal do arquitecto Celestino de Castro (1948)

## Manuel da Cerveira Pinto

Arquitecto, Docente na Universidade Fernando Pessoa, Mestre em Património pela Universidade do Minho, Doutorando na Universidade Politécnica de Valladolid.

[cerveira@ufp.pt](mailto:cerveira@ufp.pt)

### RESUMO

“O Moderno Esquecido” é uma breve descrição da Casa do Ameal, da autoria do arquitecto Celestino de Castro. A obra em questão constitui paradigmático motivo de referência da arquitectura moderna da cidade do Porto e do país e é motivo para uma sucinta reflexão em torno da noção de património.

### PALAVRAS-CHAVE

Património; arquitectura; o património também se constrói

### ABSTRACT

“The Forgotten Modern” it's a brief incursion through the “Ameal House”, one of the most important works of Celestino de Castro. This work it's a paradigmatic reference in the modern architecture in Oporto, and in Portugal and it's motive for a brief reflexion between the notion of patrimonial heritage.

### KEYWORDS

Patrimonial heritage; architecture; the patrimonial heritage It was also constructed one day.

*“O espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens [...]”* (Távora, 1982, p. 39)

## O MODERNISMO E A “ESCOLA DO PORTO”

É hoje tido como certo que a arquitectura moderna portuguesa teve o seu grande primeiro folego de desenvolvimento no Porto, onde o desejo do novo, procurado então por uma classe abastada, veio possibilitar e solicitar a criação de obras verdadeiramente inovadoras e paradigmáticas do novo movimento. De facto “desde 1945 que o Porto contava com projectos de uma inusitada modernidade como o Cinema batalha (1946) de Artur de Andrade, o Mercado do Bom Sucesso (1949) ou o Palácio Atlântico (1946–1950), do grupo A.R.S.” (Tostões, 2004, p. 128). Mas, poderíamos recuar ainda mais no tempo e citar outros exemplos como a impressionante Bolsa do Pescado (1935) de Januário Godinho ou as interessantes e pioneiras garagens do Comércio (1930–32) de Rogério de Azevedo e de Passos Manuel (1937), de Mário Abreu.

Entretanto, na direcção da Escola de Belas Artes do Porto ao brilhante mestre Marques da Silva sucedia o inquieto Carlos Ramos e, em oposição a uma escola académica e opressora que havia deixado em Lisboa, criava uma abertura totalmente nova, que buscava febril e ansiosamente o desejo de modernidade. Aos poucos ia-se criando aquilo a que vulgarizou chamar-se “Escola do Porto”, pela mão algo eclética mas visionária e de firme pedagogo de Carlos Ramos.

As décadas iniciais do modernismo (20 e 30) quase não tiveram repercussão em Portugal, fruto de uma vivência introvertida e periférica do próprio país e também, diga-se, da própria classe dos arquitectos que não lograram participar neste movimento, sobretudo através dos célebres CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna) que se vinham realizando desde 1927/28 e que “desempenhavam papel motor na divulgação dos ideais maquinistas, funcionalistas e progressistas do Movimento [...]” (Fernandes, 1993, p. 97). Por outro lado apenas conhecemos na década de 30 uma única obra de divulgação da arquitectura moderna que se ia fazendo nos outros países, trata-se precisamente de “A Moderna Arquitectura Holandesa”, de Keil do Amaral, datado de 1936, mas apenas editado em 1943. A

própria Carta de Atenas só seria publicada em Portugal no final dos anos 40.

No entanto, como vimos, o Porto parecia tentar escapar a esta exclusão. Porém, se repararmos atentamente, os modelos mais influentes desta primeira geração modernista não são, curiosamente, tanto os de Le Corbusier, quanto os da arquitectura holandesa (Dudok) e, sobretudo, alemã (Bauhaus, W. Gropius). A influencia “corbusiana” vai-se verificar sobretudo em dois autores, Viana de Lima e Celestino de Castro.

Tendo sempre sido o tema da moradia unifamiliar o campo experimental por excelência dos arquitectos, até por ser o programa que melhor revela e deixa perceber a estrutura social onde se integra e aquele que possibilita um campo mais alargado de experimentação da linguagem. Não é por isso de admirar que seja precisamente no tema da moradia, onde se irão verificar os maiores ensaios e aplicações sistémicas do racionalismo preconizado por Le Corbusier e sobretudo nestes dois autores.

## A INOVAÇÃO EM MEADOS DO SÉCULO XX

Embora com alguns apontamentos característicos e até mesmo “regionais”, como por exemplo a aplicação de granito “à vista”, nas fachadas laterais, como que a fazer lembra a participação de Celestino de Castro no Inquérito à Arquitectura Portuguesa, a Casa do Ameal preconiza de forma bastante clara os “mandamentos” da arquitectura de Le Corbusier. Por consequência, visto que são estruturais, os planos laterais são mais fechados que o frontal e o posterior, os quais se encontram o mais desprovidos de elementos estruturais, de forma a possibilitar grandes vãos e envidraçados. Uma organização espacial exemplar, estratificada em três pisos em que a estrutura é quase minimalista, limitando-se às referidas paredes laterais de granito e três pilares redondos centrais. Planta livre, cobertura em terraço, fachada livre recoberta por palas e quebra-sóis.

A construção exímia do terraço é provada pela permanência do relvado original e pelo irrepreensível funcionamento do mesmo, quer em termos de perfeita estanquicidade, quer térmicos e acústicos. No interior foi aplicado um “inovador”

sistema de aquecimento através de pavimentos radiantes. Todo o edifício é pensado para proporcionar uma boa relação interior-exterior, fazendo conviver e participar os jardins envolventes com os próprios espaços da habitação, quer através dos grandes envidraçados, quer pelas varandas e pátios térreos que se prolongam no exterior.

As divisórias interiores são feitas em painéis “sandwich”, substituindo as paredes tradicionais de alvenaria, apresentando também consideráveis ganhos em termos de conforto, quer térmico, quer acústico.

A relação com as três artes também não foi esquecida, sendo preponderante o estudo de cor assumido como elemento determinante de expressão plástica de todo o edifício, estudo esse efectuado pelo pintor Júlio Pomar. Assim, originalmente os paramentos de granito eram pintados de azul cobalto, as palas e quebra-sóis pivotantes eram cor de laranja e a coloração dos próprios armários embutidos havia sido previamente estudada por este pintor.

### MEMÓRIA DE UM ESQUECIMENTO

Porém, apesar de tudo isto, a Casa do Ameal foi esquecida, conforme esquecido foi o seu autor.

Hoje encontra-se transformada numa “escola de condução” tendo sofrido forte e penalizadora descaracterização. A mudança de função foi bastante prejudicial para um edifício que tem a sua base teórica no quotidiano e na vivência diária familiar. E aqui discordamos da acepção de Souto de Moura quando afirma que também a arquitectura moderna é versátil e susceptível de novos usos (Graça Dias, 1999, p. 102). Talvez isso seja verdade em outros edifícios não tão marcadamente habitacionais e “familiares”. Só não poderá causar “estranheza” a adaptação verificada neste edifício a quem não conheça a linguagem própria, que preconiza a arquitectura funcionalista do movimento moderno, sobretudo no peculiar tema da habitação.

A delicada caixilharia de madeira também desapareceu, substituída por uma outra de tosco e vulgar alumínio lacado de “bordeaux”.

O mesmo aconteceu à grade do jardim e ao portão, tudo sendo agora pintado desta mesma cor. Também o azul-cobalto que assomava o granito das empenas desapareceu, substituído pela mesma anémica cor amarelada do reboco exterior, contribuindo para uma aparência banal da construção.

Os jardins e as árvores, entre as quais o enorme pinheiro que tinha à frente, também desapareceram, da mesma forma que desapareceu a escada metálica que na varanda do segundo piso ligava ao terraço. Por sua vez, todo o espaço envolvente da edificação foi ocupado por lajetas de betão a imitar pedra.

### A CASA DO AMEAL, PATRIMÓNIO DO SÉCULO XX

Pelo seu pioneirismo e contribuição para a evolução da própria história da arquitectura em Portugal, mas também pela sua inusitada qualidade plástica e arquitectónica, a Casa do Ameal deveria ser objecto de atenção bem mais cuidada. As alterações aportadas não são talvez demasiado gravosas para o edifício, pelo menos de forma não recuperável, o que esperamos venha a suceder, já que este se encontra referida no Inquérito à Arquitectura do Século XX e mereceu também a observação dos encontros Do.Co.Mo.Mo.

O Porto possui um património moderno notável que, sistematicamente, se tem vindo a perder. A classificação da Casa do Ameal como património do século XX é não só uma questão de necessidade para a própria história da arquitectura portuguesa recente, como um imperativo ético.



**Fig.1** – A Casa do Ameal, ainda na sua pureza original, tal como aparece no livro “Arquitectura Moderna Portuguesa 1920.1970” (TOSTÕES, Ana (coord.), 2004, p. 129). Será de notar, porém que a imagem se encontra invertida.

## **BIBLIOGRAFIA**

FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura Portuguesa*, Lisboa, Cotovia, 1993

GRAÇA DIAS, Manuel, *Ao Volante Pela Cidade* [dez entrevistas de arquitectura], Lisboa, Relógio d'Água, 1999

IAP XX, *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, 2006

SEARA, Ilda/COIMBRA, Jorge, *Sine qua non, a ideologia do habitar*, Porto, A regra do jogo, 1986

TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, Porto, ESBAP, 1982

TOSTÕES, Ana (coord.), *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920.1970*, Lisboa, IPPAR, 2004

### **Internet:**

Ordem dos Arquitectos Secção Regional Norte – [observatório] (<http://www.oasrn.org>) Rua do Ameal, 942, Porto – Vasconcelos, Pedro Abranches